
Refletindo com estudantes sobre a escola presencial e o ensino remoto¹

Sérgio Luiz Alves da ROCHA²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Patrícia Oliveira de FREITAS³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Resumo

Desde de 2016 temos realizado um conjunto de pesquisas com jovens de escolas públicas de ensino médio, no Rio de Janeiro. Nelas buscamos entender diferentes dimensões da relação entre juventude, escola e tecnologias digitais de informação e de comunicação. No presente texto sistematizamos aspectos que julgamos fundamentais para se pensar a pesquisa com os jovens e, também, alguns dos principais achados destas pesquisas. Chamamos a atenção para a necessidade de estudos micro que possam refinar os dados obtidos em desenhos de pesquisas mais quantitativos e que, muitas vezes, tendem a perder de vista a diferentes condições da juventude no país. Ao mesmo tempo, acentuamos a centralidade da instituição escolar na definição da rotina desses jovens, o que ficou evidente durante o período da pandemia.

Palavras-chave: Escola; Jovens; Pesquisa com jovens; Videoaulas; Ensino *on-line*

Introdução

Desde de 2016 temos desenvolvido um conjunto de projetos que articulam uma reflexão sobre as relações entre os jovens, a escola e as tecnologias de informação e de comunicação. Eles foram desenvolvidos com o apoio institucional e frutos de uma parceria entre o IFRJ e UFRRJ, estes projetos foram teórica e metodologicamente concebidos para serem desenvolvidos em uma perspectiva qualitativa, lidando com um universo de pesquisa mais reduzido (no primeiro deles realizamos uma comparação entre jovens de três diferentes escolas de ensino médio público do Estado do Rio de Janeiro situados em dois municípios diferentes). Em que pese o uso de uma coleta de dados quantitativa realizada no momento inicial de cada um deles, foram as entrevistas realizadas em um universo mais restrito de jovens que nos forneceram um conjunto interessante de pistas e que merecem ser detalhadas e aprofundadas.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor EBTT do IFRJ, Doutor em Educação ProPed/UERJ, sergio.rocha@ifrj.edu.br.

³ Professora do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA/UFRRJ, Doutora em Educação UFF, p.defreitas@hotmail.com.

Neste texto recuperaremos alguns dos aspectos que julgamos serem mais importantes para orientar futuras pesquisas que tenham como objetivo a análise de tal relação.

Pesquisar com os jovens: notas metodológicas

Desde o início destas pesquisas nos deparamos com um conjunto de ideias gerais sobre a relação dos jovens com as tecnologias e a escola.

Iniciamos com a constatação de que devemos tensionar a própria ideia de juventude como categoria genérica, abstrata. Estudos que tem a juventude como parte de sua reflexão devem ser sensíveis aos diferentes aspectos que atravessam as trajetórias dos jovens – classe, etnia, religião, gênero, entre outros – tentando superar uma concepção etária de juventude, evitando generalizações indevidas. Ter em mente a distinção entre condição juvenil e situação juvenil, entre o que é comum e o que é específico, é fundamental (PAIS 1993; DAYRELL, 1999; ABRAMO, 2005; SPOSITO, 2018)⁴.

No que diz respeito ao acesso às tecnologias, esta variedade de situações juvenis nos leva a olhar com atenção as diferentes formas de acesso e de uso por parte de diferentes jovens. Desde o jovem ribeirinho, o jovem quilombola, o jovem rural, até no contexto mais urbanizado, supostamente com melhor oferta de serviço (pensando aqui na presença do jovem da periferia), dentre tantas expressões do ser jovem.

Comparando, por exemplo, os dados de duas de nossas pesquisas, uma com o universo de jovens do Rio de Janeiro e outra com jovens estudantes de Institutos Federais de Alagoas, da Paraíba e do Maranhão, percebemos estas diferenças. Enquanto 57% dos estudantes entrevistados no Estado do Rio de Janeiro afirmavam possuir algum pacote de dados, entre as modalidades pré e pós-pago, aproximadamente 59% dos jovens do segundo grupo sequer tinham um plano de dados.

Mesmo se considerarmos que os jovens entrevistados do Rio de Janeiro vivem em uma região com maior oferta de serviço, um olhar mais criterioso consegue perceber algumas diferenças no acesso às tecnologias de informação e comunicação. Assim, neste mesmo aspecto relativo aos planos de dados, encontramos jovens que possuíam planos pré-pagos que não atendiam as necessidades de uso ao longo de um mês,

⁴ Em um país de extensão continental temos variadas condições de juventude. Neste ponto os estudos sobre a relação das juventudes com as tecnologias podem se beneficiar do contato com os estudos desenvolvidos no campo da sociologia da juventude.

exigindo a adoção de táticas tais como, usar na escola, procurar locais com *wi-fi* liberado, baixar conteúdos para posteriormente acessar *off-line*. Muitas destas possibilidades também se constituem na relação com o modelo de celular. Para alguns com celulares de pouca memória era necessário instalar e desinstalar aplicativos de acordo com a demanda pelo uso, em função da pouca memória disponível no aparelho (ROCHA e FREITAS, 2022).⁵

Ainda em relação às concepções sobre os jovens e sua relação com as tecnologias, nos cabe refletir sobre a imagem corrente de uma juventude pretensamente *on-line* durante todo o tempo. Se é verdade que a oposição *off-line* e *on-line* perde progressivamente sua relevância, pois em certo sentido experimentamos uma vivência *on-life*, nos termos propostos por exemplo por Floridi (2009), por outro não é possível deixar de matizar esta constatação, percebendo os muitos momentos na existência dos jovens em que a mediação através do celular deixa de ocorrer.

Observar os jovens no cotidiano escolar nos ajudou a perceber o seu envolvimento em um conjunto de atividades que não aquelas relacionadas diretamente ao mundo digital ou que demandam algum tipo de acesso a ele. Presenciamos jovens fazendo trabalhos em grupo, lendo solitariamente em lugares mais isolados no espaço da escola, rodas de música embaladas por violões e mesmo divertindo-se com jogos de tabuleiro, RPG, entre outros.

Nesta mesma linha devemos também compreender de modo mais qualificado de que modo se constitui a relação dos jovens com as TICs. Ainda é muito comum nos dias de hoje a ideia difundida a partir da leitura de autores como Tapscott (2008) e Prenski (2010) de uma juventude que usa com desenvoltura as TICs, estando em posição de destaque em relação as gerações anteriores (para uma visão crítica ver, por exemplo, Livingston, 2011).

Como afirma Castro (2012):

Contrariando certas noções mais simplistas do que seja inclusão digital, não basta ter acesso ao computador e à Internet para se servir das possibilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação. É preciso conhecer suas lógicas e dominar seus trâmites para uma interação qualificada com os novos meios. Assim como em outras esferas, a importância da educação é fundamental. (CASTRO, 2012, p. 72).

⁵ Ao mesmo tempo, pensar em como a experiência de escolarização destes jovens se opera em ambientes escolares muito distintos. Abordaremos esta questão mais adiante no presente texto.

Em muitas das questões abordadas em nossas pesquisas percebemos que a relação das juventudes com as tecnologias não corresponde à imagem de um jovem empoderado que sabe usar com desenvoltura seu aparelho e acessar os recursos do mundo digital para buscar informações relevantes para a resolução de algum problema. Não raro, nas entrevistas, nos deparamos com relatos de problemas ao usar o celular ou o computador que paralisaram seus usuários sem que estes pensassem que poderiam buscar uma solução no mundo virtual, usando recursos disponíveis na rede a partir de seu próprio celular ou computador. Outro dado significativo foi o número reduzido de postagens autorais nas redes sociais produzidas por um número significativo dos jovens de nossos universos de pesquisa.

Outro aspecto que gostaríamos de destacar nestas notas metodológicas, é que ao longo da realização das diferentes pesquisas nos deparamos com uma enorme disposição dos jovens para falar sobre as suas próprias experiências. Mesmo a aplicação de um questionário (etapa quantitativa da fase inicial de muitos de nossos projetos) a um grupo de estudantes gerava um animado debate sobre as questões, proporcionando um momento para que os jovens pudessem refletir sobre suas vivências conjuntamente.

Em várias ocasiões tivemos a oportunidade de vivenciar o que denominamos em outro texto uma “leitura ruidosa” (ROCHA e FREITAS, 2019) que faz com uma vez aplicado um questionário em uma turma por exemplo, em muitos momentos, fosse estabelecida uma reflexão coletiva sobre os temas propostos como questões, cada qual expondo as suas motivações e opiniões.

Ao mesmo tempo, o valor significativo atribuído pelos jovens nestes momentos, deixava claro o seu caráter de excepcionalidade. Na instituição escolar, o papel participativo do jovem ainda se relaciona com uma noção de juventude como perigosa, o que não favorece a constituição de práticas participativas. Os jovens não são pensados a partir da ideia de que são atores sociais ativos e, logo, deixam-se de lado práticas cotidianas tão necessárias para fomentar uma vida/uma formação para/com a democracia.

Ficava indicado nestes momentos, em consonância com o papel dos jovens no interior da instituição escolar, o contraste com o discurso recorrente sobre a necessidade de uma educação voltada para a construção da autonomia/protagonismo jovem⁶.

⁶ A este respeito ver as Competências Gerais da Educação Básica propugnadas pela BNCC (BRASIL, 2018) que mesmo não usando com frequência os termos autonomia/protagonismo propõe um papel ativo nos estudantes na construção do saber, logo ao longo de seu processo de escolarização. Este mesmo princípio pode ser verificado em vários artigos do Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), por exemplo, nos artigos 3, 4 e 5.

Como afirma Couto, Rizzini e Bush (2022):

No Brasil, a despeito da existência de normativas e de espaços públicos voltados para a discussão, implementação e monitoramento de políticas públicas relacionadas à juventude, como os Conselhos de Direitos, a produção acadêmica com foco sobre participação infantil e juvenil na América Latina aponta que discursos e práticas são dominados por adultos, reforçando uma mentalidade adultocêntrica, onde as crianças e adolescentes são vistos como propriedade, como potencialidade e não como parceiros ativos (COUTO, RIZZINI e BUSH, 2022, p.9).

Sendo normalmente “falado pelos outros”, no momento em que é chamado a falar de si e de suas vivências os jovens respondem de maneira muito positiva e propõem uma reflexão densa.

Por fim, retomando o tema da diversidade das situações da juventude, chamamos a atenção para a diferença entre as instituições escolares pensadas na sua concretude. Tivemos oportunidade de realizar nossas pesquisas com jovens de diferentes escolas. Desde uma escola Estadual de Ensino Médio que ofertava os cursos de formação geral e formação de professores até escolas da rede federal de Educação.

Em relação à primeira pudemos observar questões relativas à falta de professores, ausência de rede *wi-fi*, problemas de conexão com rede fornecida pelo Estado para a cumprimento das demandas administrativas/acadêmicas requisitadas pelos Secretaria de Educação, biblioteca com acervo extremamente defasado e inexistência de terminais de computador para acesso à rede pelos estudantes.

Já quando falamos da segunda temos uma organização muito peculiar. Com um corpo docente formado por muitos mestres e doutores a escola é muito bem avaliada no mercado de bens simbólicos por fornecer uma “educação de qualidade”. A escola oferta a possibilidade de que os estudantes possam atuar como bolsistas de iniciação científica, monitores de laboratório, possam participar de diferentes coletivos organizados pelos próprios estudantes (coletivo LGBT, Coletivo Negro, Coletivo de Mulheres, entre outros).

Assim, em muitos sentidos, esta escola se apresenta aos novos alunos como um universo muito diferente das suas escolas de origem (alunos de muitos bairros e até de municípios distintos). Desta forma, o contexto desta escola é de extrema relevância para o entendimento de questões que acabam adquirindo cores muito próprias. Ao mesmo tempo, também aqui, revela-se o mais importante. Esta outra especificidade nos faz

relativizar muitas das proposições generalistas que endereçamos aos jovens quando os relacionamos com o universo escolar.

Por exemplo, ao realizarmos uma pesquisa nesta escola federal⁷ sobre a busca e o acesso aos conteúdos disponibilizados em sites com um perfil educativo, plataformas digitais, pagas ou gratuitas, para os ajudar na atividade escolares, vários jovens pontuaram a especificidade do currículo de sua escola, tornando quase impossível encontrar um material que de fato os auxiliasse à medida que entravam no ciclo mais profissional e os conteúdos das diferentes disciplinas eram adensados⁸. Normalmente tais plataformas disponibilizam uma estrutura de organização dos conteúdos direcionados ao ENEM e a concursos do gênero, não contemplando temas estudados por estes estudantes.

Feitas estas considerações metodológicas, passaremos a tratar de algumas das temáticas que foram objeto de discussão, em particular nas pesquisas feitas a partir de 2020, que foram desenvolvidas exclusivamente nesta escola da rede federal de ensino citada anteriormente e que incluem o momento da pandemia.

Algumas temáticas

A partir de 2019, em função da não adequação entre o cronograma dos projetos aprovados institucionalmente e a ampliação das exigências por parte das escolas para a realização das pesquisas com seus estudantes, optamos por manter a pesquisa em apenas uma das escolas, em função da disponibilidade da direção em acolher a nossa proposta de pesquisa.

Nosso primeiro interesse foi o de entender se os estudantes desta escola recorriam aos conteúdos escolares disponibilizados *on-line*, em canais e plataformas pagas ou não. Com este objetivo realizamos um levantamento destes canais e plataformas, bem como dos motivos que levavam os estudantes a recorrer ao seu uso.

Como apontado anteriormente, muitos estudantes, nomeadamente aqueles que tinham avançado na sua formação e, portanto, ampliavam a carga horária das disciplinas

⁷ Uma escola que oferece cursos técnicos integrados ao ensino médio, cursos de graduação e pós-graduação em uma estrutura verticalizada, que oferece um ambiente muito próximo ao dos campi universitários das grandes instituições de ensino superior.

⁸ Em várias falas estes jovens assinalavam que, não era raro, que o conteúdo de ensino fosse abordado em um nível similar aos dos cursos de graduação nas suas respectivas áreas. Tendo oportunidade de visitar instituições de ensino superior chegamos mesmo a ouvir que os laboratórios da escola eram melhor equipados do que o de algumas instituições federais de ensino.

da formação técnica se queixavam de não encontrar muitas vezes conteúdos que os auxiliassem no cotidiano escolar nestas disciplinas específicas. Ao mesmo tempo, os estudantes que ainda tinham uma carga horária em que predominavam as denominadas disciplinas propedêuticas apontavam os motivos que os levavam a buscar este tipo de conteúdo.

Aqui, como em outros temas relativos à nossa pesquisa verificamos também os diferentes percursos formativos de estudantes sob um mesmo regime escolar (mesma escola, mesmo currículo).

Por exemplo, no que diz respeito às avaliações sobre as videoaulas não é possível estabelecer uma regra geral. Para alguns alunos estas videoaulas têm muitas vantagens em relação às aulas presenciais (lembramos que esta fase da pesquisa foi realizada antes da pandemia e de todo o debate sobre uma modalidade de ensino ofertada 100% *on-line*): poder assistir às aulas várias vezes, retomar um ponto em que se tem dúvida, sua objetividade, o uso de recursos tecnológicos dinamizando o conteúdo abordado, flexibilidade de horários, podendo assisti-las a qualquer momento e em qualquer lugar⁹. Já outros preferem as aulas presenciais principalmente em função do que foi denominado por eles como “interatividade”¹⁰, questionando o fato das aulas online não possibilitarem qualquer tipo de interação entre professores e estudantes¹¹.

Estes e outros temas abordados pelos jovens ao longo da realização destas pesquisas nos indicaram a necessidade de perceber como os jovens que estão inseridos em uma mesma instituição escolar, seguindo um mesmo currículo, constroem trajetórias específicas, reflexão essa que nos conduz a pensar na necessidade da instituição escolar reconhecer estas diferenças, deixando de estabelecer um discurso genérico sobre a formação dos jovens.

Outra questão que começou a chamar a nossa atenção, foram os motivos para este acesso. O que leva os alunos a buscar estas plataformas? Ao analisar os dados da pesquisa

⁹ Não aprofundaremos este tema neste momento, mas caberia uma reflexão sobre estas modalidades de interação a partir da discussão trazido por Santaella ao discutir as relações entre as tecnologias e os modelos educacionais. (SANTAELLA, 2010; 2013).

¹⁰ Sobre o tema da interatividade uma discussão interessante nos é apresentada por Pierri Lévy que indica diferentes graus de interatividade (LÉVI, 1999).

¹¹ Em um dos grupos focais um dos participantes afirmou que não apreciava nenhuma das duas modalidades de ensino – presencial ou não presencial, se definindo como um autodidata. Sobre a sua participação nas aulas presenciais disse que mantinha a atenção em respeito à atuação dos professores, ao seu esforço para explicar um determinado conteúdo. Já sobre as videoaulas afirmou que ao assisti-las “la falecendo aos poucos”.

de 2019, percebemos que entre as principais razões que motivaram os alunos a recorrer a essas plataformas educacionais estão: “Aprender aquilo que não aprendi nas aulas”, “Complementar o conteúdo aprendido nas aulas” e “Aprofundar o conteúdo das aulas”. (CASTRO *et al*, 2021, p.9).¹²

Deste modo, percebemos que o consumo destes conteúdos, na visão dos alunos, cumpre um papel complementar ou auxiliar àqueles temas que foram apresentados no ambiente da escola. Isto indica que este acesso não segue a lógica da substituição daquilo que a escola apresenta pelos conteúdos destas plataformas *on-line*, mostrando que um ambiente não exclui o outro.

Nesse contexto, pode-se entender que:

Cada uma das formas de aprendizagem apresenta potenciais e limites que lhe são próprios. Por isso mesmo, a educação a distância não substitui inteiramente a educação gutenberguiana, assim como a aprendizagem em ambientes virtuais não substitui ambas, tanto quanto a aprendizagem ubíqua não é capaz de substituir quaisquer dessas formas anteriores. Ao contrário, todas elas se complementam, o que torna o processo educativo muito mais rico. (SANTELLA, 2010, p.21)

Já neste momento da pesquisa se apresentava uma indicação que ia no sentido contrário ao de muitas das previsões pessimistas que vislumbravam o fim da escola, suplantada pelas novas tecnologias, sem capacidade para se reinventar e acompanhar as mudanças. Esta indicação já nos encaminhava para a percepção da importância relativa da instituição escolar muito além do processo de sua formação dos jovens, que ganharia maior relevância com a o decorrer da pandemia.

Em relação e este contexto, antes de retomamos a questão do papel da escola gostaríamos de pontuar algumas questões relativas à realidade desta mesma escola federal de ensino.

Uma vez iniciado, em março de 2020, o isolamento social sem a perspectiva de que esta situação pudesse resolver-se, os estudantes desta escola permaneceram um longo período sem qualquer tipo de relação com a escola. Primeiro, por conta da sensação generalizada, no início da interrupção das aulas, de que esta situação seria transitória. Uma vez que a situação perdurou, sendo o isolamento uma realidade e uma necessidade, houve um grande debate para se decidir como seria o modelo de ensino a ser

¹² Texto que conta com a nossa coautoria e analisa algumas dessas questões.

implementado e, depois, como se poderia assegurar a democratização do acesso ao conjunto de estudantes, a partir de programas de auxílio ao acesso.

Foi então implementado o regime das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs). Neste modelo foram definidos, entre outras questões: uma redução da carga horária das disciplinas, com a conseqüente reformulação dos currículos, com a respectiva redução dos conteúdos das disciplinas, limites de tempo máximo de tela para cada disciplina, de quantidade máxima de páginas a serem lidas pelos estudantes, reformulação dos horários escolares de acordo com a nova carga horária, proibição da reprovação e um regime no qual o estudante seria avaliado pela realização das tarefas e não pelo mérito do material entregue.

Com o desenrolar da pandemia, ainda com a escola sem aulas, dando continuidade e fazendo algumas adaptações, buscamos entender de que forma se constituíam as relações dos jovens com as atividades escolares ofertadas totalmente de modo não presencial. Com essa finalidade implementamos uma dupla estratégia. Primeiro, aplicamos um questionário *on-line* autopreenchido (*Google Forms*), que contou com 126 participantes que perguntados sobre que tipos de impactos a pandemia havia gerado na família, tendo a maior parte dos estudantes apontado impactos de caráter econômico e/ou psicológicos.

Além destes impactos, foram relacionadas alterações em vários dos seus hábitos/rotinas, sendo desânimo o mais significativo, seguido por problemas de: ansiedade, concentração, sono, humor e apetite.

Do início da pandemia até o momento no qual a escola discutia o sistema a ser adotado para o retorno às atividades através de modelo não presencial, aproximadamente 30% respondeu que não estava mantendo qualquer contato com os professores e um pouco mais de 20% mantinham contato com um único professor. É possível perceber que naquele momento os estudantes ficaram órfãos não só da escola, mas também do contato com seus professores.

Muitos, quando questionados sobre este momento, relataram que logo de início fizeram muitos planos: por em dia o conteúdo das disciplinas, realizar atividades atrasadas, revisar a matéria. Aqueles que já estavam próximos de realizar o ENEM estavam mais focados em organizar uma rotina de estudos se preparando melhor para a realização deste exame. Invariavelmente, a grande maior parte sucumbiu ao longo período de ausência da escola, de sua rotina, de suas exigências.

Posteriormente, com o retorno das atividades escolares neste modelo das APNPs, continuamos a realizar os grupos focais buscando entender de que modo os estudantes se relacionavam com este modelo sua percepção sobre as mudanças corridas. Ao longo de nossas discussões com os jovens, o tema da ausência da escola, referida aqui não apenas, mas, também, como espaço físico, e tudo que a ela estava relacionado foi ganhando maior relevância nas falas.

Uma ausência que, entre outros efeitos, anulou a distinção entre o tempo/espço da escola e o tempo/espço de casa com todas as marcas que esta distinção estabelece. Com as atividades não presenciais, o espço da casa recebe de forma virtual as demandas escolares, o que gera uma série de consequências.

Uma das percepções mais relevantes proporcionadas pela análise das falas dos grupos focais realizados durante a pandemia foi a centralidade da escola como eixo estruturador da rotina e do tempo dos jovens. Esta percepção inicial nos instiga a refletir sobre a pretensa falta de centralidade da instituição escolar no acesso dos jovens às informações e ao conhecimento disponíveis nas redes.

Estes dados nos instigam a pensar com Martín-Barbero, que afirma:

(...) que a educação já não é concebível a partir de um *modelo de comunicação escolar* que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente por processo de formação correspondentes a uma *era informacional* na qual “a idade de aprender são todas”, e o lugar de estudar pode ser qualquer um (...). Estamos passando de uma *sociedade com um sistema educativo* para uma *sociedade do conhecimento e da aprendizagem continua*, isto é, sociedade cuja dimensão educativa atravessa tudo: o trabalho e o lazer o escritório e casa, a saúde e a velhice (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 121)

Na verdade, a pandemia e o consequente isolamento social que lhe seguiu implicou numa radical mudança nas práticas educativas. Abruptamente migramos de práticas de ensino predominantemente presenciais para práticas totalmente mediadas pelas tecnologias. O principal efeito desta mudança, nas palavras dos jovens com quem conversamos, foi um sentimento de vazio e uma sensação de sobrecarga com a impossibilidade de separação entre os tempos da escola e os tempos da casa, da vida, do trabalho.

Mais uma vez estas falas apontam para a grande importância da escola na organização da rotina destes jovens, que neste momento presenciaram uma falta de distinção de fronteiras entre seu lugar social como alunos e os seus outros lugares sociais (de filho, irmão, amigo), aspecto este que chama a atenção para a centralidade da escola

e que pode ser entendido de certa forma a partir de algumas reflexões de Perrenoud (2002) sobre o que ele denomina de “ofício do aluno”.

Considerações Finais

Neste texto empreendemos um esforço para recuperar muitas das questões que foram objeto de análise nos projetos que desenvolvemos nos últimos anos nas escolas de ensino médio, ouvindo os jovens, observando o seu cotidiano na escola. Todo este esforço caminha na direção de entender a partir das falas dos jovens sua relação com a escola e com as tecnologias, valorizando estudos de dimensão micro como forma de explorar a complexidade envolvida nas relações entre **as** juventudes, **as** escolas e **as** tecnologias, consideradas também a partir de seus usos.

Desde antes da pandemia se apresentava a questão da influência da escola na seleção dos conteúdos escolares acessados pelos estudantes em nosso universo de estudo. Posteriormente, com a pandemia, as falas nos chamaram a atenção para a relevância da instituição escolar para a vida dos jovens, nos apontando um conjunto de desafios relativos ao papel da instituição escolar na contemporaneidade, pensada não apenas do ponto de vista da disponibilização dos conteúdos escolares, de seu aspecto na educação formal, mas como instituição que na organização da identidade juvenil.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In Abramo, helena; Branco, Pedros (Orgs.) **Retratos da Juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução no. 4, de 17 de dezembro de 2018. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação Básica, nos termos do artigo 35 da LDB, completando o conjunto constituído pela BNCC da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, com base na Resolução CNE/CP nº 2/2017, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 15/2017. Ministério da Educação. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 18 de dez. 2018. Edição: 242, seção: 1, página: 120.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.

CASTRO, Gisela G. S. Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Livia (Org.). **Juventude e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 61-77.

CASTRO, Maria Luiza Reis; SILVA, Alice Moura Araújo; FREITAS, Patrícia Oliveira e ROCHA, S. L. A. Juventude e o consumo de/em plataformas digitais: reflexões sobre o acesso aos conteúdos. **Scientia Prima**, v.7, p.1 - 19, 2021.

COUTO, Renata Mena Brasil; RIZZINI, Irene; BUSH, Malcolm. **Jovens em Ação**: reflexões sobre participação social e inserção no mundo do trabalho. Rio de Janeiro: CIESPI, 2022.

DAYRELL, Juarez. Juventude, Grupos de Estilo e Identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n30/n30a04.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

FLORIDI, Luciano (Ed.). **The Online Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era**. Springer Charm. Floridi Oxford Internet Institute University of Oxford Oxford, Oxfordshire.

LEVY, Pierre. Interatividade. In: LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 199. P 77-84.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. **MATRIZES**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 11-42, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38290>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MARTÍN-BARBAERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto: Ed. Porto. 2002.

PRENSKY, Mark. **Teaching digital natives: partnering for real learning**. Londres: Sage, 2010.

ROCHA, Sérgio .L.A.; FREITAS, Patrícia. O. Novas tecnologias e a escola: modificações nos padrões de escolarização. In: Congreso Asociación Latinoamericana de Sociología - ALAS, XXXI, 2017. **Acta Académica...** Uruguay, 2017.

ROCHA, Sérgio .L.A.; FREITAS, Patrícia. O. O Celular e seus Contextos de Uso: refletindo sobre a relação de um grupo de jovens estudantes com as tecnologias. In: PISA, Lícia Frezza (Org.). **Pesquisa em comunicação no contexto de mídias e educação**. Pouso Alegre: IFSULDEMINAS/Lume, 2022.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal. **Revista de Computação e Tecnologia** da PUC-SP, v. 2, p. 17-22, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ReCET/article/viewFile/3852/2515>>. Acesso em: 20 de julho 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Papyrus, 2013.

SPOSITO, Maria Pontes, SOUZA, Raquel, & SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, V. 44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/143527>. Acesso em: 09 jun. 2022.

TAPSCOTT, Don. **Growing up digital**: how the net generation is changing the world. New York: McGraw-Hill, 2008.